

Orquídeas raras que encontrei no Estado do Espírito Santo.

(1950/1994)

Érico de Freitas Machado(*)

O maior incentivo do orquidófilo é a novidade. A procura por uma flor diferente, única, impulsiona o colecionador de tal forma, que, muitas vezes, ele é afetado até no seu comportamento habitual. A quem não partilha desse envolvimento com as orquídeas, certas atitudes parecem estranhas e, por vezes, são condenadas e, até mesmo, ridicularizadas. É de ver a ilustrativa expressão "orquidiota", cunhada pelos cultivadores, com caráter depreciativo.



Bifrenaria thyriantina

Érico de Freitas Machado

Pois bem, a sensação e o prazer de apreciar e possuir certas plantas é tão grande que só são comparáveis a poucos e raros momentos de felicidade na vida.

Eu próprio, devo confessar, fui tocado, não raro, pela "mosca verde" e, em todas essas ocasiões, brindado por um certo estado de êxtase, de alegria íntima e de agradecimento a Deus pela graça concedida.

Orquídeas raras que procurei e encontrei, foram o grande impulso do meu

trabalho durante os últimos e longos 44 anos.

E o que são orquídeas raras? No meu entendimento, há dois grupos principais:

- I. Flores de forma e beleza especiais.
- II. Variedades particulares dentro das espécies.

Habitat e Riqueza Orquidófila

O Estado do Espírito Santo, com apenas 0,5% do território brasileiro, situa-se em posição privilegiada, permitindo, por suas condições geográficas excepcionais, o aparecimento de uma quantidade impressionante de espécies nativas de orquídeas, dificilmente superada por qualquer outra região se se considera sua pequena área.

Orquídeas terrestres, são mais de 63, desde o conhecido *Eulophidium maculatum*, passando por *Cyclopogon* e *Pelexia*, de raízes bulbosas e folhas desenhadas, até o *Stenorrhynchus australis*, com suas hastes de flores rosadas.

Rupículas ou Rupestres, algumas com hábitos epífitos, são mais de cem, desde *Laelias*, como a *gloedeniana*, as *L. cinnabarina*, variedade *cowanii* e a *L. mixta* (uma *L. cinnabarina*, com flores de *L. flava*), todas plantas de porte característico, até alguns *Zygopetalums*, o volumoso *Oncidium blanchetii* e o delgado *Elleanthus brasiliensis*, apenas ornamental em sua imitação de uma touceira de pequenas palmeiras.

Epífitas, mais de 300, dentre as quais se encontram as de flor grande, como é caso de *Cattleya warneri* e *Laelia tenebrosa*, até botânicas e ornamentais, como *Pleurothallis pectinata*, *Epidendrum vesicatum*, os delicados *Zygostates lunata* e *Zygostates*

kulhmannii, *Leptotes tenuis* (inclusive o subtipo amarelo), ou o pequeno *Phymatidium delicatum*.

Só para dar uma idéia desse potencial de orquídeas, cito como nativas do Espírito Santo, só entre os gêneros mais conhecidos e que consegui determinar em trabalho já concluído e em fase de revisão:

Pois bem, estou plantado nesse universo de orquídeas desde 1950 e, de lá para cá, percorri todos os rincões do estado

<i>Zygopetalum</i>	6
<i>Cattleya</i>	7
<i>Miltonia</i>	7
<i>Stellis</i>	8
<i>Bifrenaria</i> + <i>Stenocoryne</i>	14
<i>Octomeria</i>	16
<i>Laelia</i>	16
<i>Maxillaria</i> + <i>Camaridium</i>	29
<i>Encyclia</i> + <i>Epidendrum</i>	36
<i>Oncidium</i>	40
<i>Pleurothallis</i>	47

no interesse maior de encontrar plantas únicas ou raras.

Embora lentamente, com paciência e espera quase infinitas, consegui vários espécimes surpreendentes e até com existência discutível.

Não observarei, sistematicamente, a uma ordem cronológica, mas procurarei fazer referências que acompanhem períodos de tempo, mas sempre relacionando essas épocas com o encontro de espécies nativas mais cobiçadas ou preferidas.

AS RARIDADES

Desejo lembrar que alguma das plantas que relacionarei, são, hoje, conhecidas e, até, relativamente comuns, devido à multiplicação clonal por meristemagem, o que não acontecia quando foram encontradas e causaram sensação.

Laelia tenebrosa var. *alba* (albina).

Em 1956, um conhecido coletor de orquídeas apareceu com ela, florida, em minha casa. Foi o primeiro susto orquidófilo de minha vida. Até então ninguém tinha encontrado planta igual e quando escrevi sobre ela, no Boletim da SBO (Rio), alguém achou que era *Laelia xanthina*!

Eu estava certo, por dois motivos principais: primeiro, porque sabia, perfeitamente, desde aquela época, distinguir uma *L. tenebrosa* de uma *L. xanthina*, pelo porte das plantas, mesmo sem flores; e, segundo, porque o coletor Cantídio que a achou e ganhou um bom dinheiro por ela (a flor era diferente da normal), vivia e coletava plantas em região onde não existia *L. xanthina*.

Cattleya warneri var. *venosa* D. Vitória.

Esta tem uma pequena estória, interessante e, para mim, emocionante. Foi em 1959 (lembro bem da data, porque foi o ano em que fundei, com a presença de Luyz de Mendonça, a Sociedade Capixaba de Orquidófilos).

Um pouco antes da nossa 2ª Exposição Estadual de Orquídeas (ocasião em que a Sociedade foi fundada), fui ao inte-



Cattleya warneri

rior do Estado até a propriedade de um colono que desejava vender algumas *Cattleya warneri*. Eram muitas, plantadas em tocos de xaxim, árvores e arbustos, em volta da casa. Acertamos o preço (por folha, evitando, assim, o desmembramento das plantas maiores) e passamos a retirá-las dos respectivos hospedeiros. Por longo período fomos trabalhando, até praticamente lotar

Érico de Freitas Machado



Maria Belén Gimenez Gowland

Gavilea glandulifera

densa. De 8 a 20 cm de comprimento, com 6 a 15 flores brancas com estrias e calos verdes. Labelo trilobado. A coluna é delgada, branca com estrias alaranjadas. Flores perfumadas. Floresce entre novembro e fevereiro. Cresce em solos, arenosos e pedregosos, na periferia de bosques.

e. *Ch. gaudichaudii*. Nome popular: lírio verde. Planta de 30 a 60 cm de altura, folhas basais, caulinares, com cerca de 20 cm de comprimento. Inflorescência em espiga, com mais ou menos 5 flores muito perfumadas, com o ápice das sépalas e papilas verdes. Labelo branco com bordas amarelas. São encontradas nas areias vulcânicas, ladeiras descampadas, sendo bastante comum nas estepes. Vegeta no sul do Chile e na Argentina desde Neuquén até o estreito de Magalhães.

f. *Ch. speciosa*. Nome popular: açucena do campo. Planta de 40 a 60 cm de altura, robusta e ereta, folhas de 10 a 26 cm, ovais-lanceoladas e agudas. Possui brácteas que ultrassam o tamanho da flor. Inflorescência em espiga, com 5 a 7 flores grandes, altas e vistosas, perfumadas, de cor branca, com ápice verde escuro e as nervuras reticuladas das sépalas intensamente coloridas de castanho escuro formando um notável contraste com a lâmina. Floresce primavera/verão e tem por habitat o sul do Chile e a Patagônia argentina.

g. *Ch. viridiflora*. Planta robusta de 40 a 80 cm, com folhas de 12 cm, lanceoladas e altas. As flores se apresentam em inflorescência de mais ou menos 10 flores, amarelas com o ápice e nervuras

das sépalas verdes. Labelo verde escuro, coluna branca com a base amarelada e três manchas alaranjadas com igual cor nas cavidades de néctar.

h. *Ch. philipii*. Planta de 18 a 30 cm de altura, com folhas de 1,5 cm de largura, lanceoladas, com pseudo-pecíolos caulinares com ápice castanho. A inflorescência é curta, com de 8 a 15 flores que se abrem ligeiramente. Flores pequenas, branco-amareladas, com nervuras verde escuro e labelo trilobado. Vegeta no sul do Chile e na Argentina nos campos abertos das zonas de mata. Floresce em dezembro e janeiro.

i. *Ch. alpina*. Herbácea de 20 a 40 cm de altura, com folhas de 10 cm de comprimento por 2 cm de largura, lanceoladas e agudas, persistentes e distribuídas ao longo do caule. Inflorescência lassa, com 5 a 6 flores amarelo-alaranjadas, vistosas, labelo trilobado. Vive no Chile austral e, na Argentina, desde Neuquén até a região atlântica. Frequente nas faldas de elevações arenosas e secas.

V. *Brachystele*. Do grego = **coluna curta**. Planta terrestre de 12 a 60 cm de altura, com raízes numerosas, carnosas e fasciculadas. As folhas são lanceoladas, com ou sem pecíolos, formando uma roseta basal, fenecendo no momento da floração. A floração é densa com flores pequenas e pouco vistosas. Esse gênero possui ao redor de 20 espécies que se distribuem desde o Brasil meridional, Paraguai, Uruguai, Chile e Argentina. Neste país existe só uma espécie, na Patagônia.

Brachystele unilateralis. Planta herbácea de 40 a 50 cm de altura, com numerosas raízes cilíndricas. Poucas folhas, basais, de 5 a 10 cm e escape floral glabro, coberto de folhas caulinares agudas, apenas imbricadas. A inflorescência é de 8 a 15 cm, e de flores branco-esverdeadas. Na Argentina foi encontrada em Rio Negro e Chubut.

Referência bibliográfica

"Flora Patagônica", Parte II, Typhaceae-Orchidaceae. Dirigida por Macvia Noemi Correa, INTA, 1969.

(*) *Círculo Argentino de Orquideófilos*
Wineberg 2360 - Olivos
1636-Buenos Aires, Argentina

mentos florais, mas, também, com relação às proporções e a beleza excepcional, pelo lilás intenso envolvendo toda a orla do labelo. Essa planta serviu de matriz para um dos melhores cruzamentos que fiz, dentro da espécie, e com excelentes resultados: mais de 50% de orlatas sensacionais.

Amethystina, Mazzini. Uma das plantas que mais me impressionaram. Bem diferente da cerúlea. Coloração própria, com ametista substituindo o lilás forte (característica da planta Tipo) do labelo e as pétalas e sépalas brancas com sutis tons de cinza. Primeiro, permutei um corte por uma cerúlea, que, na ocasião, pouca gente tinha ou conhecia, e, depois, por causa da planta, junto com os amigos Nicanor Paiva, já falecido, e Olegário Ramalheite, todo o orquidário.

Eneas Mazzini, que estava com grave doença, procurou-me e disse que desejava negociar suas plantas comigo, pois não tinha filhos e sua esposa não se interessava pelas orquídeas. Como não tinha condições de compra, sozinho, convidei os dois amigos para a empreitada e fizemos o negócio. Hoje a planta perpetua o nome de seu descobridor.

Trilabelo. Não posso precisar de que remessa ela saiu. Apenas floresceu, num outubro abençoado, com três lindas flores, ostentando, cada uma, três labelos diferentes: o verdadeiro e a imitação de mais dois, nas pétalas. É a conhecida forma **pelórica**, que, por vezes, se manifesta na *Cattleya*. Não confundir com a **Labeloide**, flor relativamente comum (os outros dois labelos, ou imitações, aparecem nas sépalas inferiores). Foi a única *Cattleya warneri* trilabelo encontrada na natureza. Todas as outras existentes partiram de cruzamentos que fiz. O primeiro, com uma *Cattleya warneri* alba pura, com dominância do **trilabelo** (98%). Um segundo em que cruzei de novo aquela matriz, com uma F1 da primeira cruz, de excelente armação, sendo sépalas e labelo normais e as pétalas brancas, com riscos lilazes. O resultado foi: 100% trilabelo.

Encontrei, ainda, albas, semi-albas, cerúleas, concolores, punctatas, etc...mas outra planta excepcional e que, também, apareceu na Florabela foi a "Pétalas Largas".

Certo dia, em plena floração de *Cattleya warneri*, entre mais de 2000 plantas (a maioria, Tipo), ela se destacou, a ponto de um funcionário nosso que mal sabia o que era uma orquídea e nunca se interessou por elas e que apenas cumpria suas tarefas, logo que cheguei ao sítio, disse-me:

- Tem uma planta com a flor diferente!

Ao chegar ao orquidário, mal pude acreditar no que via. Uma fantástica "Tipo", com pétalas largas e o labelo perfeito. Posteriormente fiz homenagem a minha esposa e grande incentivadora de todos esses anos. Hoje, a "pétalas largas" se chama *Cattleya warneri*, Tipo, 'D. Helga'.

As *Laelia perrinii* têm um capítulo interessante. Variedades, hoje, bem conhecidas, mas que me deram alegrias sem par. Tipos, albas, cerúleas, concolores, a sanguínea, excelente variedade, de colorido avermelhado e pétalas bem largas. A que me deixou um registro de tempo profundo foi uma semi-alba, não só pela sua beleza (sépalas e pétalas brancas, labelo também branco com, apenas uma mancha lilás forte no seu centro) e boa forma, mas, principalmente, pelo modo inesperado e, até, festivo como ela me chegou.

Na ocasião eu era Diretor de Terras e Colonização da Secretaria de Agricultura do Estado do Espírito Santo e trabalhava no Palácio Anchieta, que é a sede do Governo Estadual, em Vitória. Uma tarde de março, a minha secretária entrou na minha sala e comunicou:

- Está aqui uma pessoa, com umas flores, querendo falar com o senhor!...

Mandei que entrasse.

Um velho mateiro, meu conhecido, trazia nos braços um vaso de xaxim duro, com uma linda e grande *L. perrinii*, com quatro ou cinco frentes, cada uma com tres belas flores semi-albas. Não foi só uma espécie de susto que tomei. Foi uma daquelas alegrias, que só poucos podem perceber...

As *Laelias xanthinas* deram algumas satisfações, mas devido à deficiência de apresentação das pétalas, meio enroscadas e estreitas, só uns poucos cultivadores tem tido interesse em cultivá-las e adquirir exemplares escolhidos. Pequenas coleções de três a cinco plantas, com destaque apenas pelo número de riscos no labelo e os coloridos do verde claro até amarelo ouro.

Mesmo assim, há que destacar uma planta de flores grandes, bem verdes com o labelo branco, tres riscos no labelo, apresentação diferente e bonita, que parece ser um albino (como se fosse uma semi-alba devido aos riscos).

As *Laelias pumila* e *Laelia prestans*, deram-me, também, grandes alegrias. Tipos excepcionais, algumas variações nos labelos e nos coloridos. Concolores, em ambas as espécies e destaque para uma *L. pumila*, cerúlea, e uma *L. prestans* alba (1).

Depois que adquiri o, hoje, "Sitio Florabela", em 1960, transporte todas as orquídeas para lá, inclusive aproveitando uma capoeira, que, hoje, é, praticamente, uma mata artificial, de dracenas (*Dracaena aurea* e *Dracaena fragrans*), com cerca de um hectare, compondo minha "Reserva Orquidófila".

Vendendo um percentual em torno de 20% do que ia adquirindo, fui avolumando meu estoque e as plantas aumentando, a cada dia, com seu natural crescimento. Hoje tenho cerca de 400 espécies e umas 100.000 orquídeas nativas do Espírito Santo, como já mencionei antes. Dentro desse pequeno universo surgiram várias plantas interessantes, diferentes e raras.

Além das já citadas e das obtidas em outros lugares, fui, aos poucos, encontrando no meu "quintal", muitas preciosidades.

Algumas delas:

Oncidium, além de tipos excelentes, nas diversas espécies:

Oncidium pubes albino (amarelo com labelo branco).

Oncidium lietzei albino (amarelo com labelo branco)

Oncidium longipes albino (amarelo com labelo branco)

Oncidium curtum albino (amarelo com labelo branco)

Masdevallia infracta e subtipos:

Albas, cerúleas, escuras, abertas, amarelas e amarela pintalgada.

Miltonia spectabilis - tipo de boa forma e

outros coloridos.

Miltonia candida - marrom claro, com labelo todo branco.

Miltonia clowesii - com pétalas e sépalas marrom, lisas, sem pintas ou manchas.

Huntleya meleagris - Albina (verde com labelo branco).

Leptotes tenuis, alba.

Rodriguezia venusta, de flores enormes (verdadeira gigante entre as normais)

Cattleya schofieldiana: amarela, sem pintas; marrom avermelhada, bem escura, etc.

Cattleya schilleriana - a variedade cerúlea, que deu origem às que hoje existem reproduzidas por meristema.

Cattleya velutina - amarela, com labelo quase todo branco e tênue venação lilás.

Sophranitis wittigiana - excelentes tipos e três plantas excepcionais:

Duas albas, completamente brancas e diferentes

Uma albina, com apenas um suave rosado, quase imperceptível.

Bifrenaria harrisoniana - a mais importante foi uma cerúlea.

Bifrenaria thyriantina - albas, semi-albas, concolor, amoena, escuras, etc. A mais espetacular de todas, foi, para mim, sem dúvida a trilabelo (forma pelórica), que trago aqui como uma grande novidade.

Vários híbridos naturais, sendo que um dos mais bonitos que encontrei, foi de *Cattleya warneri* x *Laelia prestans*, de colorido bem claro (lilás suave) e labelo orlato, escuro. Perfeito, em armação e proporcionalidade.

(*) C.P 01-0841
29001-970 - Vitória, ES

A presente edição já se encontrava em impressão quando tomamos conhecimento, com muito pesar, do falecimento do Diretor Nilson Moneró.

(1) É preciso ter cuidado para saber diferenciar uma *L. prestans* alba, de uma *L. pumila* alba. São plantas quase iguais e flores muito parecidas. A forma e a "crista" interna do labelo são as diferenças básicas, ou seja, na *L. pumila*, as bordas do labelo apenas se encontram sobre a coluna, enquanto que na *L. prestans*, um lado ultrapassa o outro e a "crista" central, do labelo, só aparece na *L. pumila*. Em *L. prestans* o labelo é liso internamente.